

Análise da ruptura na integridade filosófica do sistema *versus* Um novo conceito de controle social de dominação sócio-cultural

Lauriano Neto
Universidade Cândido Mendes

Índice

1	Pressupostos teóricos	1
1.1	Controle Social	1
1.2	Eficácia do controle sobre a diminuição do desvio	2
1.3	Porque alguém se torna desviante (transgressivo)?	3
1.4	Existe um novo tipo de “desviante”?	5
2	O Etnocentrismo	5
2.1	O Etnocentrismo como modelo de controle social expansivo	6
2.2	O Controle Social Etnocêntrico Expansivo	7
2.3	A Insubordinação Geocêntrica	7
2.4	A Reorganização Cognitiva do Sistema	8
2.5	O Caos	9
2.6	Os Aparatos Tecnológicos do Sistema de Controle Social Expansivo	9
3	O Projeto Echelon e a NSA	10
3.1	A Criptografia e o Echelon	13
4	Conclusão	14
5	Referências Bibliográficas	15

1 Pressupostos teóricos

1.1 Controle Social

A idéia de controle social foi apresentada na sociologia americana da década de 20 do século XX, associada a estudos sobre o crime e outros comportamentos considerados desviantes, isto é, atitudes socialmente indesejáveis. Seus autores defendiam a importância de instituições sociais que pudessem tolerar quando não integrar indivíduos desviantes. Pressupunham, portanto, a existência de padrões de comportamentos que devem ser seguidos e, conseqüentemente, a existência de mecanismos de regulação que maximizam a possibilidade desses comportamentos.

Assim, podemos dizer de uma forma resumida, que controle social é o conjunto de recursos materiais e simbólicos de uma sociedade para garantir que a conduta de seus integrantes respeite as regras e os princípios estabelecidos previamente. Podem manifestar-se de diversas formas (*conforme abaixo descrito*). Lembramos ainda que o controle social é baseado em uma re-interpretação da idéia durkheimiana de coerção social¹.

¹ “A sociedade não poderia existir sem que hou-

Resumindo:

Manifestações do Controle Social:

- Positivo: persuasão, sugestão, sistema de gratificações, educação, etc. (colaboracionismo; aceitação da influência alienígena; aculturamento, etc.)
- Negativo: ameaças, prisões, desterros, ordens, proibições, sanções (econômicas; sociais; culturais; bélicas; etc.)
- Formal: leis e regulamentos, intra ou extra sociais
- Informal: chamadas de atenção, gestos, presenças, desaprovações; “gelo social”; desaprovação comportamental;
- Interno: efeito da interiorização das expectativas do grupo
- Externo: noção corrente de controle (formal e informal)

Pode-se perceber, ao aprofundar-se o conhecimento e estudo do tema, que o controle social é uma idéia pretensiosa que leva ao extremo, o questionável pressuposto da tendência da sociedade para a ordem e para o

vesse em seus membros certa homogeneidade: a educação a perpetua e a reforça fixando de antemão na alma da criança certas similitudes essenciais reclamadas pela vida coletiva...Por outro lado, a educação assegura a persistência dessa diversidade necessária diferenciando-se, ela própria, e permitindo especializações. (Durkheim, 1972:41). O ponto de aplicação é a alma, a alma das crianças, que deve ser modelada de forma contínua e regular. Todos os detalhes deverão ser vistos (lembramos que a disciplina é a anatomia política do detalhe): o aspecto final do espírito e do caráter depende desta infinidade de pequenos fatos insensíveis ocorrentes a cada instante sem que lhes demos atenção (Durkheim, 1972:53)

equilíbrio e sua intenção em adaptar seus integrantes.

Como na coerção social, deve-se entender que a sociedade dispõe de alguns instrumentos para estimular e limitar o comportamento de seus membros de acordo com os padrões que lhe são desejáveis (*p.ex, os acima descritos*). Mas deve-se reconhecer que esses instrumentos não têm alcance indefinido nem intensidade constante e que não podem agir sobre todos os aspectos da vida de cada indivíduo, sob o óbvio risco de transformá-lo em um robô sem vontade própria e comprometer o desenvolvimento e a inovação nas relações sociais.

No entanto, essa idéia foi muito aplicada em organizações humanas de menor escala como empresas, igrejas, escolas e em um grupo social-estratégico muito específico, como as forças armadas, onde os custos e os benefícios de mecanismos de controle podem ser mais precisamente aferidos e seus efeitos positivos e negativos melhor observados. Na verdade, o controle é mais desenvolvido nessas organizações porque elas têm objetivos explícitos e definitivos, que servem de orientação para tal controle. Já uma sociedade plural não é assim tão clara quanto às suas finalidades, se é que as tem. Assim, torna-se impossível o estabelecimento de mecanismos (*notadamente aqueles clássicos*) que atuem uniformemente nos grupos heterogêneos que compõem uma sociedade.

1.2 Eficácia do controle sobre a diminuição do desvio

O controle social tende a produzir uma força de deterrência² de tal maneira significativa

² No sentido de contenção; “*travamento*”.

que, antes de desviar ou até mesmo na própria ação do ato desviante, o sujeito social venha a pensar sobre suas consequências.

Na verdade, a influência subliminar dos “*elementos precursores e multiplicadores*” do controle social – propaganda; educação; mídia; governo; etc. - é fator de importância máxima no contexto do controle social, já que, estabelece o espaço conceitual onde se poderá identificar, ou pelo menos, concentrar em grandes grupos, aqueles propensos aos “*desvios*”.

Podemos, então, chamar este tipo de controle social (para efeito de análise conceitual neste trabalho) de *controle social doméstico*³.

1.3 Porque alguém se torna desviante (transgressivo)?

- Distinção inicial
 - Desvio não intencional: o controle da “*performance do corpo*”; a ditadura das aparências.
 - Desvio intencional (em função do comportamento dominante em sua “*área de influência social*” – *motivo básico*)
- Uma carreira desviante – Primeiro Passo:
 - A afinidade ou “*porque alguém se torna transgressivo*” (completude social; fazer parte de algo maior

³ Conceitualmente em face de um outro tipo a ser considerado – o controle social em sua forma externa, na qual os grupamentos sociais considerados - exteriorizam sua cultura e, correlatamente, seu modelo de controle social.

que a vida; relacionar-se com o “*centro do poder desviante*”)

- A vontade de transgredir é o primeiro passo
 - Afinidade ou condicionamentos que provocam ou motivam a decisão de transgredir – dominação política, anomia; confrontos religiosos; incapacidade da aceitação do outro; inocorrência da alteridade; etc.
 - Entretanto, não basta o desejo de transgredir: é necessário ter a coragem de fazê-lo. E quem o que fornece essa coragem? A extrema imposição do controle social?
- Uma carreira desviante – Segundo Passo:
 - A afiliação ou “*como alguém se torna desviante*”
 - O segundo passo diz respeito à vizinhança com as oportunidades de desviar.
 - A afiliação, ou a associação com outros, fornece a “*coragem*”, as motivações, o know how, os valores que subjazem à decisão de transgredir – comportamento “*adesivo*”; comportamento crítico da realidade, etc.
 - O grupo de afinidade: de referência (*real ou imaginário*); o grupo de circunstância (*multidão, night club, torcedores*); político (*partido; de base; armado; etc.*)
 - A intenção de transgredir tem resultados diferentes segundo o grau

de visibilidade social: o comportamento pode ser visível, invisível ou propositalmente visível (*consubstanciado em “uma maneira DIFERENTE de comunicar-se”*).

- O desenvolvimento de uma identidade desviante depende também do etiquetamento: que varia segundo a gravidade da infração da norma; da duração; da extremação do estereótipo; da fonte do estereótipo (*polícia? família? amigos? governo?*); do sentido do estereótipo (*positivo, negativo, neutro*)
- Uma carreira desviante - Terceiro Passo:
 - A significação ou quem se torna desviante
 - Existe uma impossibilidade de prever quem se torna desviante, pois nas ciências sociais a aproximação causa-efeito não conta tanto, como no caso das ciências naturais, mas conta mais uma previsão em bases probabilísticas.
- Estrutura social
 - O status sócio-econômico: os pobres têm maior probabilidade de ser etiquetado
 - Crimes de colarinho branco são mais dificilmente sancionados (proteção, dinheiro, privacidade, segredo, defesa penal)
 - Transgressões de rua: tem mais visibilidade. Se conjugadas com es-
- tados de pobreza provocam a procura de meios ilícitos para a sobrevivência; os pobres são mais desafortunados na relação com a justiça
- Os pobres não são mais desviantes que os ricos, mas o fato é que o desvio entre os pobres é mais visado, visível e, portanto, sancionado. Torna-se mais facilmente um delito público, delinquência e notícia de jornal.
- Raça
 - Determinados grupos étnicos e raciais são vítimas de estigma – árabes; negros; “*chicanos*”, etc.
 - A vontade e “*sensação*” de pertencimento a um certo grupo racial pode desencadear o alarme do controle social com mais frequência e intensidade que para outros – palestinos; afegãos; mexicanos; bascos; irlandeses, etc.
- Sexo
 - Os homens tendem a serem mais visivelmente desviantes: a maior parte da população carcerária pertence ao sexo masculino – a busca da sobrevivência; o “*guerreiro*”; etc.
- Idade
 - São os jovens que estão ao centro das preocupações do controle social mas também das observações do controle informal – visando

descontingenciar o “*futuro exercício*”; possibilidade da influência “*educacional*”; possibilidade de cooptação; etc.

1.4 Existe um novo tipo de “desviante”?

Como consequência da estruturação “massiva dos instrumentos de controle social”, no seio da sociedade e tendo como contrapartida as chamadas “interferências subjetivas” (= desviantes), o próprio “sistema” vem estabelecer as modalidades de desvios que considera “pertinentes” ou “aceitáveis” dentro do contexto dominante. Pode-se dizer que o aparelho sistêmico de controle social, reconhece e recebe aqueles comportamentos (desvios) e procura, de diferentes formas, “aculturá-los”, conformando-os aos novos paradigmas sociais, criados e formatados pelas próprias forças de dominação social. Entretanto, como modelo de auto-preservação humana, a sociedade passou a oferecer um “*escape*” controlado aos indivíduos que, originariamente, não podem ou se sentem de alguma forma inserido no contexto “*programático*” naquela dada sociedade.

Assim, o próprio sistema elabora as diretrizes e pressupostos para o surgimento do “*desviante*”.

Este transparece com um novo figurino, renovado, superposto, invasivo⁴ e sem rosto.

Pode-se dizer da existência de imensa tipicidade de desvios, sendo que, para os efeitos deste trabalho, nos concentraremos apenas em dois tipos:

⁴ No sentido de envolvimento; de penetração em um organismo ou parte dele.

Os primeiros que denominamos contestadores “*ultra-sistêmicos*”⁵, os quais fazendo parte do sistema procuram, de mais diversas maneiras, passar a controlar o sistema programático dominante, instalando e desenvolvendo novas formas de apropriação e regulação das idéias vigentes, alternando-as, via conflito ideológico, com os reflexos de si próprias, somente trocando (*subliminarmente*) os pressupostos de sustentação por outros menos agressivos e que contenham, em si mesmo, o antídoto para suas incongruências.

Como exemplos mais influentes desta nova classe de *outsiders*, temos os *hackers*, *crakers* e suas corruptelas, os ativistas ecológicos, os ativistas dos direitos humanos, as organizações não-governamentais, etc.

Na mesma linha sistêmica mas utilizando-se de meios mais radicais e invasivos – terrorismo, guerra convencional e não convencional (guerrilhas), etc. – temos os grupos de consciência atávica racial e/ou religiosa e/ou cultural.

Esses grupos, os contestadores ultra-sistêmicos e os de consciência atávica, para os efeitos de nosso trabalho, são o que nos interessam sua análise e motivações.

2 O Etnocentrismo

“*Sabemos que o etnocentrismo é uma visão do mundo onde um determinado grupo social é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através de seus valores e seus modelos. Muito bem, então vejamos só, o etnocentrismo é uma forma*

⁵ Já que “*crias*” do sistema, nele buscam seus novos modelos de evolução ao tempo que estimulam suas contradições e paradoxos.

de projeção de uma cultura de um determinado grupo a outros grupos por ele dominados. Então na verdade esses outros grupos aceitam o discurso dos grupos dominantes como sendo o discurso de toda a sociedade inclusive deste grupo que é dominado. e é aceito este discurso como sendo um discurso certo, como sendo o discurso legal.

Por isso mesmo é que esse discurso é aceito com toda a sua plenitude, mesmo que muitas vezes eles discordem dos grupos dominados. Nós temos que ver que os grupos que estão dominando eles usam de artifícios até mesmo sem perceber que estão usando. Usam de artifícios que a ciência, a modernidade e o poder conferem a eles mesmos.

Nós temos alguns exemplos disso, HAEC-KEL que era um naturalista alemão, professor de prestigiosas universidades alemãs, dizia que os negros e que outras comunidades asiáticas, mas principalmente os negros, são incapazes de dominar a matemática, de fazer equações, e o pior, de contar até 60, até 40, quando não até 20, enquanto cães inteligentes eram capazes disso.

Este mesmo cientista foi capaz de desenvolver a teoria que mostra que você reproduz aquilo que seus ancestrais legaram a você. Então é a teoria do chamado DETERMINISMO⁶, e ele mostra o somatório em termos biológicos e a sociedade como um todo não tem como contestar, porque entra Biologia, entra a Química, que é uma coisa assim muito difícil de ser entendida, entra Matemática, entra Genética,então passa a ser um discurso erudito, passa a ser um discurso científico.e, então, é aceito. Este dis-

⁶ Princípio segundo o qual todo o fato tem uma causa e, nas mesmas condições, as mesmas causas produzem os mesmos fatos, o que implica a existência de leis específicas que regem os fatos e as causas.

curso é aceito sobretudo por aquela classe média que não aceita evidentemente o discurso da revelação divina, porque sente que ele é muito pouco convincente, porque ele é fruto dos preconceitos religiosos, então opta pelo discurso científico.”⁷

Transpondo os liames do tempo e com sucinta e reflexiva análise das condições sociais e históricas, pode-se verificar que o Etnocentrismo é uma forma concreta e “*pretensamente científica*” de controle social, já que, de forma acadêmica e filosoficamente insidiosa, evoluiu para as formas atualmente em progresso nas relações políticas, sociais e culturais entre as nações do planeta.

2.1 O Etnocentrismo como modelo de controle social expansivo

O termo “*projeção do conceito de democracia*” é freqüentemente aposto na mídia mundial como corolário de uma, necessariamente, PAX e democracias mundiais e que, para tanto, faz mister que os grupos políticos, leia-se países; grupos étnicos, leia-se raças; grupos religiosos, principalmente os muçulmanos; grupos sub-étnicos, leia-se bascos, irlandeses, colombianos, etc, convirjam para o “*ideário comum*” cultural do etnocentrismo vigente: liberalismo econômico; recepção cultural não reflexiva; massificação social e pragmatismo religioso.

Tais elementos de confrontação cultural, por si só declaram, explicitamente, os processos claramente organizados do modelo

⁷ TÓRTIMA, Pedro, História do Controle Social no Brasil, 4ª aula do Curso de Mestrado em Ciências Penais, Universidade Cândido Mendes, dia 18/03/2003

imperialista de subordinação e conquista de corações e mentes das “*democracias de tradição imperialista / colonialista*”.

2.2 O Controle Social Etnocêntrico Expansivo

Estabelecidos, então, os pressupostos teóricos que descrevem o modelo de sistêmico vigente, podemos introduzir o conceito de “controle social etnocêntrico expansivo” o qual, preponderantemente, ao reutilizar-se dos pressupostos organizativos do seu “irmão mais velho, *leia-se controle social doméstico*”, objetiva, entretanto, projetar-se externamente às suas próprias fronteiras sociais, atingindo as sociedades geograficamente delimitadas (*nações*) em áreas ainda não sujeitas às suas influências.

Entretanto, diferentemente de sua modelagem “*doméstica*”, o controle social etnocêntrico expansivo, não visa, imediatamente, introduzir a ordem e harmonia sociais. Tais objetivos, apesar da sistemática “*campanha publicitária contrária*”, têm caráter de mediato (*longo prazo*), já que necessários para o contínuo fluxo entre as sociedades “*socialmente controladas*” e aquela controladora.

Na verdade, seu objetivo de curto prazo é garantir um controle da interdependência e relacionamento “*cooperativo*” entre as elites dirigentes de ambas as sociedades, visando, sempre, os interesses de sobrevivência da sociedade controladora.

Dito de modo simples: o maior objetivo é garantir o fluxo contínuo e sem reservas das riquezas de uma economia para outra.

O fluxo, então, tem dupla face: a) da sociedade controlada para a controladora - na transferência das riquezas, minerais, orgânicas, vegetais, etc; sua sujeição às políticas

econômicas e industriais; seu alinhamento “automático” às políticas internacionais; à manutenção do modelo de desenvolvimento estabelecido pela controladora; na internalização dos conceitos de administração e gerenciamento dos fluxos monetários, de conformidade com a controladora; na aceitação de modelos culturais, religiosos e sociais da controladora e etc.

Por outro lado: b) da sociedade controladora para a sociedade controlada - das novas tecnologias não apreensíveis (*conceito utilizado para diferenciar aquela tecnologia que não é possível sua multiplicação na sociedade repcionadora*); do fluxo incessante de modelos de comportamento sociais e culturais facilmente assimiláveis e etc.

2.3 A Insubordinação Geocêntrica

Como em seu modelo originário – controle social “*doméstico*” – o controle social etnocêntrico expansivo encontra seus “*desviantes*” em parcela da sociedade controlada e até mesmo no seu conjunto, o que se pode chamar de insubordinação geocêntrica⁸, já que, circunscrita às fronteiras geográficas de uma dada sociedade controlada.

Eventualmente, pode-se estabelecer uma insubordinação geoconcentrica, onde os elementos perturbadores da “*ordem estabelecida*” têm uma maior amplitude geográfica e estão correlacionadas às identidades culturais ativas naquela dada região.

⁸ Relaciona-se com uma específica situação geográfica e independe, em seu primeiro momento, das diferenças culturais, religiosas e econômicas, internas vigentes. Na verdade, de início, ocorre uma aglutinação política que objetiva confrontar o etnocentrismo expansivo.

Tal insubordinação apresenta-se de duas maneiras: a) um desvio de ordem social/cultural de forma não ostensiva; não pragmático e sim programático; não conflituoso e sim através das instâncias de embate político; de ordem cultural e priorizando os aspectos de coesão e identidades nacionais e/ou regionais; de ordem de transparência e identificação das projeções e intervenções alienígenas na cultural local e etc.

Por outro lado: b) de ordem conflituosa, onde os embates bélicos – convencionais e não convencionais - se tornam os meios e o objetivo permanente como elemento de dissuasão da sociedade controladora.

Para os efeitos do controle social etnocêntrico expansivo, é necessário dar nome a esses desvios de forma a intencionalizar esses comportamentos como algo destrutivo, anormal e não condizente com as “*normas democráticas*”. Assim como o controle social “*doméstico*”, é preciso trazer para dentro do modelo sistêmico essas “*crias desviantes*”, para que, de uma forma ou de outra, o próprio modelo sistêmico assimile esses desvios.

Entretanto, ao transferir do controle social “*doméstico*” para o controle social etnocêntrico expansivo seus pressupostos cognitivos, o “*sistema*” não soube avaliar corretamente ao estabelecer uma “*composição*” afetiva-explicativa sobre suas próprias convicções culturais subjetivas – medo da morte; importância da riqueza material; religiosidade; importância da cultura; etc – e os modelos de desvios culturalmente não reconhecidos no modelo matricial originário.

Resumindo: é fácil entender seus *desviantes* internos, já que suas matrizes psicoculturais são resultados do sistema mãe por eles assimilados. Entretanto, quanto aos *desvian-*

tes externos, as matrizes psicoculturais preponderantes em sua assimilação divergem, quando não frontalmente, integrativamente, no sentido de refluir, constantemente, à assimilação, já que entendida como uma invasão e não como aculturação.

Portanto, a questão principal é de cognição. O sistema etnocêntrico expansivo necessita estabelecer uma relação afetiva mais profunda e para tanto necessita responder algumas indagações: quais eram/são os interesses; as paixões; os medos; as verdades; os conceitos filosóficos e religiosos dessas novas categorias de *desviantes* geocêntricos e sua correlação com a “*filosofia*” do sistema do controle social expansivo?

2.4 A Reorganização Cognitiva do Sistema

Como o objetivo central deste modelo de controle social expansivo é a manutenção contínua do fluxo de riquezas das sociedades subjugadas para a controladora, a importância de uma assimilação “*controlada*” de parte dos conceitos culturais dessas sociedades pela sociedade controladora poderia ter uma importância estratégica fundamental, tática utilizada pelo império romano há 2.500 anos.

Assimilar para integrar.

Na verdade o cerne estratégico da questão é a palavra integração. Ao se integrar no modelo sistêmico, o *desviante* tende a estabelecer uma “*conversa*” cultural com o “*invasor*”, advindo, então, uma relação de interesses que poderá manter o sistema equacionado e em equilíbrio. Como isto é possível? O sistema conta com certos desvios para se auto-regenerar, criando variantes cognitivas que o impelem ao crescimento e auto-

conhecimento. Mesmo que de forma destrutiva (*mas sempre de forma controlada*), tais desvios serão “*aceitos*” pelo sistema como elementos ou pressupostos “*evolucionistas*”.

Entretanto, no complexo caldeirão cultural subjacente à área de insubordinação geocêntrica, outros elementos deverão vir ao encontro dos interesses e pressupostos cognitivos do sistema etnocêntrico expansivo.

2.5 O Caos

Todo modelo sistêmico tem como pressuposto um “*ordenamento cognitivo*”, que irá representar ou espelhar um paradigma cultural ou uma dada representação social.

Assim, todo controle social reflete, na verdade, uma interpretação sistêmica de dada cultura ou grupamento social específico, em face de suas próprias interpolações e vivências comunitárias.

Deste modo, ao tentar “*intervir*” no modelo cultural não dependente da cultura controladora, o sistema procura “*entender*” aquele plano de intervenção baseado em suas próprias convicções sobre o pano de fundo filosófico subjacente.

O “*sistema*” ao verificar que suas análises e intervenções, ao invés de criar “*harmonia*”, criam o caos, procura, refluindo suas intervenções ao mínimo, estabelecer novos parâmetros conceituais de conhecimento e apreensão do conjunto social na esfera geocêntrica objeto de suas investidas.

Compreensivelmente, mesmo após “*extensas análises e elocubrações acadêmicas-filosóficas*” não consegue estabelecer um vínculo afetivo-cognitivo com a massa cultural geocêntrica insubordinada, já que não vislumbra atacar o ponto nevrálgico da ques-

tão, qual seja, desistir da insistência em apropriar-se dos desígnios afetivos, sociais, culturais e econômicos de grupos sociais não convergentes com suas políticas.

Ao não conseguir restabelecer um fluxo menos conflituoso ou este se interrompe de forma abrupta e ainda necessitando “*apoderar-se*” de parcelas da riqueza para manter a harmonia e ordem em sua própria “*base social*”, o sistema de controle social etnocêntrico expansivo recolhe suas táticas “*pacíficas*” e adota a política da guerra, quando procura, então, utilizando-se do seu aparato militar e econômico, **forçar** o grupo social insubordinado a estabelecer um recuo tático em suas formulações estratégicas, conduzindo assim, o próprio sistema à “*harmonia pela força*”.

2.6 Os Aparatos Tecnológicos do Sistema de Controle Social Expansivo

Assim como o controle social introspectivo “*doméstico*” pode manifestar suas particularidades através da persuasão, sugestão, educação, ameaças, prisões, desterros, ordens, proibições, sanções (econômicas; sociais; culturais; bélicas; leis e regulamentos, chamadas de atenção, gestos, presenças, desaprovações; “*gelo social*”; desaprovação comportamental e etc., o sistema de controle social etnocêntrico expansivo cria e desenvolve uma série de “*equipamentos e centros de poder*”, que irão ajudá-lo a “*monitorar*” o comportamento tanto das culturas quanto das políticas conflituosas dos Estados/Nações, notadamente, aquelas contrárias aos objetivos primários da sociedade controladora.

Um dos mais “*formidáveis e aterrorizantes*” meios já postos à disposição da atemorização e manutenção subserviente de culturas insubordinadas é o programa Echelon da *National Security Agency* – Agência de Segurança Nacional americana em cooperação com as agências de inteligência correlatas do Canadá, da Grã-Bretanha, Nova Zelândia e Austrália.

Objetivando dar transparência a esta monstruosidade cultural, social e jurídica é que contamos parte de sua história.

3 O Projeto Echelon e a NSA

Projetos anteriores do Governo dos EUA :

- SHAMROCK – ver abaixo
- MINARET – “*criação de listas de vigilâncias*”
- CHAOS(*criação da CIA*) – “*espionagem doméstica*”
- RESISTANCE – “*visava as organizações contrárias a guerra*” , fundiu-se a CHAOS no período Nixon.

“ A União Americana Para os Direitos Civis (ACLU) anunciou, a 16 de Novembro de 1998(?), o lançamento de um “estudo” com o objetivo de monitorizar e investigar este sistema global de vigilância eletrônica”.

No “*paper*” da ACLU é encorajada a discussão pública relativa à ameaça potencial que o programa ECHELON pode trazer ao cidadão comum americano. Em um “*site*” especialmente criado para este fim, existe, ainda, uma extensa coleção de documentos de investigação sobre o ECHELON.

Durante anos, diversos jornalistas conseguiram “*desenterrar*” fragmentos de informação sobre o ECHELON. O ano passado, a existência do ECHELON internacionalizou-se quando o Parlamento Europeu recebeu dois relatórios detalhados sobre as operações conduzidas pelo programa e o governo australiano confirmou fazer parte do projeto. Em fevereiro/99, o Parlamento Europeu debateu o ECHELON que, de um momento para o outro, passou a ser tema público de discussão, apesar de a Grã-Bretanha e os Estados Unidos negarem a sua existência.

O ECHELON é uma rede de satélites (*comportando, também, a monitoração de: microondas, celulares, fibras óticas, etc.*) e computadores que visa capturar todas as comunicações mundiais, incluindo as comunicações de e para os Estados Unidos (*projetamos uma capacidade de, atualmente, o sistema monitorar dois milhões de ligações, chamadas, faxes, e-mails e etc.* por minuto). Os computadores da NSA utilizam um sistema muito sofisticado de filtragem para agrupar as comunicações interceptadas em conversas telefônicas, e-mail ou faxes numa série de palavras chave ou assuntos de interesse estratégicos.

Outras agências de espionagem têm, ao que tudo indica, pedido à NSA para recolher determinadas comunicações com palavras, frases, organizações ou pessoas pré-determinadas por motivos de vigilância, capacitação estratégica e assuntos específicos de cada agência. Um relatório do Parlamento Europeu [*elaborado pelo deputado trabalhista Inglês, Glyin Ford sobre Tecnologias de Controle Político e a pedido(requerimento) dos deputados do partido comunista Português, Octávio Teixeira e João Amaral*] já havia acusado o Reino

Unido de ter utilizado o projeto ECHELON para monitorar as operações da Anistia Internacional, Greenpeace e a agência católica Christian Aid.

Os relatórios que chegaram ao Parlamento Europeu demonstram claramente a existência do ECHELON e que as operações conduzidas sobre esta denominação trazem “..sérias ameaças para a liberdades civis”, disse Barry Steinhardt, dirigente da ACLU. Até ao momento, a NSA recusa-se a partilhar com o Congresso norte-americano as questões legais do ECHELON, alegando “*privilegios cliente-advogado*” para manter o seu silêncio (sendo entretanto, “*auditado*” por uma comissão do Senado americano, que autoriza os gastos e conhece, apenas, as linhas gerais dos “programas” realizados pela agência).

O acordo assinado em 1948 entre o Reino Unido e os Estados Unidos, que ficou conhecido como UK-USA, combinava sob o mesmo teto o grupo SIGINT (*signal inteligente*) de que fazem parte o Reino Unido (GCHQ - Government Communications HeadQuarter), o Canadá (CSE – Communications Security Establishment), a Austrália e a Nova Zelândia (GCSB – Government Communications Security Bureau).

Na Covert Action Quarterly, pág. 59, Nicky Hagar (*escritor NeoZelandês*) descreve:

"Por 40 anos, a maior agência de inteligência da Nova Zelândia, a Agência de Segurança de Comunicações do Governo (GCSB) o equivalente australiano (neozelandês) da National Security Agency (NSA) ajudou seus aliados Ocidentais para espionar países ao longo da região do Pacífico Conforme as agências exerciam suas atividades, foi possível documentar, no Pa-

cífico Sul, as alianças dos sistemas e projetos que tinham sido mantidos secretos. Destes, sem dúvida o mais importante é o denominado ESCALÃO. Projetado e coordenado pela NSA, o sistema ESCALÃO é usado para interceptar e-mails, fac-símile, telex e comunicações de telefone que transitam nas redes de telecomunicações mundiais."

O governo dos Estados Unidos, utilizando a cobertura da operação “*Shamrock*” (*operação de escuta que monitorava as comunicações que entravam e saíam dos EUA com auxílio da ITT, RCA e Western Union*) começou a captar todas as comunicações telegráficas durante a Segunda Guerra Mundial (já extra território americano), sem qualquer limite relativamente ao que podia ou não interceptar.

Durante a Guerra Fria, a administração Truman deu poderes à NSA para continuar esta função. O surgimento da NSA deu-se aos 4 dias de novembro de 1952, baseada em um memorando de sete páginas assinado pelo Presidente Truman.

Atualmente a NSA é a maior, mais rica, mais poderosa e menos conhecida agência secreta dos Estados Unidos. O quartel-general da NSA localiza-se em Fort Meade, no Estado de Maryland, e é o segundo maior edifício dos Estados Unidos, menor apenas do que o Pentágono. Em 1959 o Congresso aprovou uma lei que proibia a NSA de tornar publica qualquer informação sobre as suas atividades, organização ou nomes de funcionários ao seu serviço.

Dez anos mais tarde, em 1969, após uma série de investigações, calculou-se que a NSA tinha 95 mil funcionários e hoje, seu orçamento gira em torno de 25 bilhões de dólares com cerca de 230 mil funcionários diretos e indiretos.

A NSA tem atualmente milhares de computadores (*estações*) que atuam em rede. A mais poderosa dessas estações é a Menwith Hill contendo 22 terminais de satélite e quase 5 acres de edifícios. É a mais poderosa do mundo e atuou como base de escuta estratégica na Guerra do Golfo, Guerra do Afeganistão e Guerra do Iraque. Funciona também como estação de espionagem dos satélites americanos. Intercepta tudo, até Walkie-Talkie.

Outras das estações tem o nome de Pine Gap e Geraldton, localizadas em Alice Springs no centro da Austrália, Açúcar Grove, Whaihopai e Yakima (*EUA*), Morwenstow e Cheltenham (*Inglaterra*) e a de Bad Ailbling na Alemanha.

Seguem outras :

- STEEPLEBUSH - completada em 84.
- RUNWAY - Recebe sinais de satélite Vortex e tráfego da Europa, Ásia e antiga URSS. Faz o "forward (*rebate*)" para Menwith Hill.
- PUSHER - cobre a frequência HF entre 3 e 30 MHz (*rádio-amador, walkie-talkie e outros rádios*). Monitora tudo, incluindo comunicações de embaixadas e áreas militares.
- MOONPENNY - Pega satélites de comunicações de outros países, assim como do oceanos Atlântico e Índico.
- KNOBSTICKS I e II - desconhece-se o objetivo GT-6 receptor de satélites geosíncronos chamados de Advanced Orion ou Advanced Vortex. Também pega o Advanced Jumpseat.

- STEEPLEBUSH II - expansão do I, digere informação do RUNWAY. SILKWORTH - construído pela Lockheed, processa a maior parte das informações coletadas. A coluna vertebral dessa escuta são os satélites Intelsat e Inmarsat, que fazem o grosso do tráfego de comunicações entre e dentro de vários países e continentes. São para fins civis (*tipo transmissão de notícias, etc.*) mas também carregam comunicações diplomáticas. Outros são os satélites de espionagem americanos, capazes de monitorar as comunicação via celular e ondas curtas.

Sabe-se que a NSA iniciou, em 1957 um processo de investigação denominado "Project Lightning". Da investigação nasceu o super computador Cray. Em 1977, surgiram a público relatórios de que a NSA tinha a maior coleção de computadores do mundo.

A classificação interna desta Agência é muito superior ao nível de "*ultra-secreto*". Sua classificação até meados de 1996 era: "*utilização apenas pelos canais internos*". Em 1967, David Kahn, jornalista da *Newsday* e "*expert*" em decifrar códigos secretos, escreveu um livro a que deu o nome de : "Os Descodificadores" (*The Code-breakers*), e que incluía um capítulo sobre a NSA.

No seu livro escrito em 1977, "*Desobstruir o Ar*" (*Clearing the Air*), Daniel Schorr considerou a NSA "*um dos maiores segredos do nosso governo*". Em 1982, James Bamford publicou um livro que expunha como nenhum outro as atividades da NSA "O Palácio Puzzle: Um relatório sobre a mais secreta agência da América".

Para o Grupo Parlamentar do Partido Comunista Português (*PCP*), haveria de

realizar-se uma audição parlamentar dos Ministros da Administração Interna e da Justiça com a finalidade de prestarem esclarecimentos sobre um processo intimamente relacionado com o ECHELON. Trata-se de um Memorando assinado em 1995 pelos governos dos países da União Europeia, cujo conteúdo se mantém secreto, no qual as aquelas nações decidiram desenvolver o seu próprio sistema de vigilância de comunicações, obrigando-se cada país a fazer as diligências necessárias à seu incremento, tudo em estreita cooperação com os Estados Unidos.

3.1 A Criptografia e o Echelon

No passado recente (1999), os representantes de 33 países reuniram-se em Viena para discutir os mecanismos de controle de exportação de armas e de tecnologias associadas (*criptografia incluída*), em mais uma rodada do Acordo de Wassenaar.

Participam desse acordo todos os membros do G-7 (Alemanha, Canadá, EUA, França, Itália, Japão e Reino Unido) e mais Argentina, Austrália, Áustria, Bélgica, Bulgária, Coreia, Dinamarca, Eslováquia, Espanha, Finlândia, Grécia, Holanda, Hungria, Irlanda, Luxemburgo, Noruega, Nova Zelândia, Polónia, Portugal, República Tcheca, Romênia, Rússia, Suécia, Suíça, Turquia, Ucrânia.

O principal objetivo do Acordo de Wassenaar é limitar a exportação para os países não-signatários de tecnologias sensíveis, que incluem não só armamentos (*mísseis, tanques, explosivos etc.*) como também tecnologias de uso civil que possam também ser utilizadas para guerra ou terrorismo (*chamadas de dual-mode Technologies*), com destaque para a criptografia.

Cada país se comprometeu a alterar sua própria legislação para se adaptar aos termos do acordo. Para a proteção dos direitos individuais não basta, entretanto, usar qualquer criptografia. Nas palavras de Bruce Schneier, *"há dois tipos de criptografia: o que impede sua irmãzinha de ler seus arquivos e aquele que impede os governos das grandes potências de fazerem o mesmo"*.

Essa criptografia "tipo 2" é a denominada "criptografia forte", que utiliza chaves simétricas com 128 bits ou mais. Mas, novamente, a criptografia forte por si só não é suficiente. É preciso haver uma criptografia forte e produtos (*hardware e software*) que suportem padrões globais de criptografia forte, de modo a possibilitar sua interoperação. Os governos dos 33 países citados têm, entretanto, uma outra visão sobre o tema, iniciando pelos EUA (*além de Austrália, França, Rússia e Nova Zelândia*) que querem impor aos demais países signatários a adoção de controles restritivos sobre a exportação de criptografia, o que já fazem há décadas internamente.

Na reunião de Viena ficou acertado que os países signatários deverão iniciar o controle da exportação de hardware e software genéricos que trabalhem com chaves simétricas maiores que 56 bits e de produtos de mercado (*"mass-market"*) que utilizem chaves maiores que 64 bits. A versão atual do acordo não afeta, entretanto, software de domínio público (como o PGP, o SSL e o GNU Privacy Guard) ou aquele associado à pesquisa científica básica, cuja exportação permanece não sendo controlada.

Mas o que há por trás da inclusão da criptografia no Acordo de Wassenaar? Uma das possíveis razões é, à primeira vista, surpreendente: a sobrevivência do ECHELON. A

NSA tem uma dupla missão: propor (*ou aprovar*) algoritmos para uso do governo norte-americano e quebrar os sistemas criptográficos (*e comunicações e etc.*) de outras nações.

Com auxílio de tecnologias sofisticadas de reconhecimento de voz e de reconhecimento óptico de caracteres (*OCR*), as mensagens são minuciosamente examinadas à procura de palavras-chave (*o chamado "dicionário ECHELON"*). Qualquer mensagem que contenha uma dessas palavras é automaticamente gravada e transcrita para posterior exame por um time de analistas em cada um dos centros de espionagem sendo, no final do processo, encaminhada ao escritório central da NSA ou ao de outra agência solicitante.

Para que o ECHELON possa desempenhar sua missão é preciso, porém, que as mensagens interceptadas não sejam criptografadas ou o sejam com chaves pequenas, da ordem de 40 bits, já que estas podem ser decifradas em tempo real pelos supercomputadores da NSA. As criptografias acima de 60 bits são um empecilho a NSA, já que impede a verificação em tempo real, e este é o fator de primeira ordem nas análises estratégicas de campo para a agência.

O componente político estratégico que, atualmente, mais se contrapõe ao acordo e à limitação da abrangência das "*escutas*" do(s) sistema(s) ECHELON e criptografia são :

1. As ONGs norte-americanas que defendem o direito à privacidade individual como a Electronic Frontier Foundation (EFF), o Electronic Privacy Information Center (EPIC) e a Americans for Computer Privacy.
2. A ONG australiana Electronic Frontiers

Australia (EFA), que está liderando uma campanha global, com lobbies organizados em quase todos os 33 países para pressionar os políticos locais por uma posição em favor do não controle da exportação de criptografia.

4 Conclusão

Na atualidade o controle social é conduzido de forma global, invasivo e multimodal, tanto na área de influência "*doméstica*" quanto na sua vertente etnocêntrica expansiva. Os modelos sistêmicos de apropriação, controle e "*gerenciamento*" da "*harmonia e ordem sociais*" estão cada vez mais evoluídos e permanentes, fato que vem contribuindo, a contrário senso, para uma desagregação dos tecidos culturais heterogêneos ainda em ebulição na diversidade geográfica planetária, já que, ao dissimular e transpor sua cultura e com ela seu modelo de controle social, negam às culturas subjugadas a proximidade de suas próprias similitudes e alteridade.

Por outro lado, ao concentrar seus recursos, "*corações e mentes*" nesta nova cruzada colonialista, o sistema alienígena de controle social estabelece, por si só e na intensidade possível, um contraponto "*desviante*", no sentido da desestruturação das malhas de confrontação residuais.

Porém, não se percebe o contínuo esgarçar da malha residual e sim, ao contrário, a criação de núcleos infracionais de cultura e modelagens extra-cognitivos, ou seja, totalmente infensos às "*táticas*" de controle social então vigentes.

Ao procurar estabelecer um novo patamar de "*negociação*", o sistema de controle social etnocêntrico expansivo não mais conse-

gue retomar o fluxo, ainda que mínimo, das relações anteriormente ocorridas, com o que, tende, então, à ruptura dos pressupostos políticos e de controle através dos “*jogos culturais*”.

Nesta nova fase surge, então, os velhos argumentos do colonizador: o imperialismo etnocêntrico transparece de forma diluída em discursos ideológicos de “*restauração democrática*”; “*ampliação da diversidade étnica*”; “*controle do terrorismo*”; “*controle do tráfico de drogas*”; etc, mas que, ao anteceder sua fase mais cruel – a guerra propriamente dita – repete à exaustão os diálogos de campeã da democracia e da liberdade.

Entretanto, o modelo de colonização e controle social continua intocável, sendo, inclusive, objeto de apropriação de novas tecnologias de captação e análise de informações como modo de estabelecer um fluxo contínuo de dados estratégicos (*sociais, econômicos, culturais, religiosos, etc.*) das sociedades subjugadas.

Tal fluxo e refluxo de “cultura” alienígena subordinada, mais que destruir, é o que alimenta o modelo sistêmico etnocêntrico expansivo.

5 Referências Bibliográficas

SCHILLING, Flávia Inês. Sociologia Jurídica – sobre homens e crimes: construindo um diálogo tenso entre Marx, Durkheim e Foucault (pasta do Marildo)

DURKHEIM, Emile-David. (s.d.) A Divisão do Trabalho Social, Lisboa, Ed. Presença.

TÓRTIMA, Pedro, Curso de Mestrado em

Ciências Penais – Universidade Cândido Mendes, ano 2003, período de março/maio, aulas expositivas

HAGER, Nick: Exposing the Global Surveillance System; Covert Action Quarterly

CHAUÍ, Marilena, O que é ideologia. Ed. Abril Cultural/Brasiliense, 1984.São Paulo.

POOLE, Patrick S. Poole: Echelon: America's Secret Global Surveillance Network .

LEBRUN, Gérard, O que é PODER, Ed. Abril Cultural/Brasiliense, 1984, São Paulo.

MARTIN, SCHUMANN, Hans Peter & Harald, A Armadilha da Globalização – o assalto à democracia e ao bem-estar social, Editora Globo, 5ª edição, 1996, São Paulo.

RODRIGUES, Edmilson, Palestra proferida durante o II Fórum Social Europeu, na Fortaleza de Passo, Florenza – Itália, em novembro/2002.

CHAGAS, Carlos, Artigo - Ato explícito de pirataria, Tribuna da Imprensa, 17/10/2000.

JABOR, Arnaldo, Artigo - O velho imperialismo americano não mudou nada, Estado de São Paulo, 31/06/2001.

WALLERSTEIN, Immanuel“ Wallerstein desfaz a “ilusão do progresso”.Entrevista ao jornalista Márcio Senne de Moraes da Folha de São Paulo em 10/02/2002.

PARSONS, T., Uma revisão de la aproximación analítica a la teoría de la estratificación social. In: BENDIX, R., LIPSET, S. M. Clase, status y poder. Madrid: Euroamérica, 1970.